

Munhoz adverte que só haverá reaquecimento da economia quando a renda familiar for melhorada

Munhoz vê agravamento da recessão

A recessão não vai acabar. Pelo contrário, ela vai ser ainda mais profunda que a que foi registrada em 1990 — uma queda de 4,6% no PIB (Produto Interno Bruto). Quem garante isso é o professor Dércio Garcia Munhoz, da UnB. A previsão do professor Munhoz parte de uma constatação muito simples e objetiva do cenário econômico nacional: “O motor da economia é o mercado. E o motor do mercado é a renda das famílias”. E nem o Plano Collor II e nem o “projeto” prevêm qualquer coisa que melhore a renda das famílias.

Sem uma política que melhore o nível de renda e do emprego, a economia não tem como crescer. Só os economistas do governo não acham isso e acreditam na possibilidade de uma recuperação econômica, porque são uns ingênuos e revelam um brutal desconhecimento de questões econômicas fundamentais. Estão navegando na estratosfera, completamente alheios à realidade do Brasil.

Segundo Dércio Munhoz, é uma heresia falar em crescimento econômico ao mesmo tempo em que se mantém uma política de arrocho salarial como jamais se viu na história do País, de desemprego em massa e de juros altos. Dércio acha muito engraçada a análise do presidente do BNDES, Eduardo Modiano, de que o governo vai “privilegiar a parte mais nobre do consumo, que é o investimento”, e reage com uma simples indagação: “Mas quem vai investir se não tem mercado?”.

Diagnóstico errado

O problema básico da equipe econômica do governo, para Dércio Munhoz, é que ela partiu de um diagnóstico errado da situação econômica do País. Tudo o que a equipe faz é para combater uma inflação de demanda e essa inflação não existe no Brasil. A partir desse erro no diagnóstico, tudo o que eles receitam é errado. Não há como acertar o remédio certo, se não se fizer um diagnóstico correto.

“O governo acha que abrindo alguns setores para a iniciativa

privada, tais como os de eletricidade e ferrovias, ou alterando as regras do jogo no tratamento do capital estrangeiro no País, vai provocar um surto de desenvolvimento. Não vai” — sentencia Munhoz. “E não vai porque, simplesmente, nenhuma empresa privada vai investir em ferrovia ociosa. Atrair capital estrangeiro sem ter mercado em expansão? Nem pensar. As multinacionais estão é saindo do Brasil, por falta de mercado”.

“Portanto”, raciocina Munhoz, “o crescimento econômico não virá do setor privado. E não virá do setor público, que se revela incapaz de mobilizar recursos”.

O setor público teve a chance de investir, depois do Collor I, quando houve uma “sobra” de recursos nas mãos do governo, da ordem de US\$ 16 bilhões. “Mas o que o governo fez com esse dinheiro?” indaga Munhoz e responde em seguida: decidiu eliminar dívida pública, até antecipando resgates de títulos. Um absurdo, uma loucura completa. Esse dinheiro teria de ser canalizado para investimentos, ainda que para obras sociais (saneamento, habitação) ou para infra-estrutura porque aí estaria gerando empregos. O governo perdeu, ali, a chance de ouro de reativar a economia do País.

Salários

O Plano Collor I promoveu um brutal achatamento de salários. Mas o governo achou pouco, e no plano Collor II repetiu as correções salariais pela média. Aí está o calcanhar de Aquiles da política oficial.

A única forma de não se repetir em 1991 um resultado igual ou muito pior do que o verificado em 1990, em termos de crescimento da economia, para Munhoz está no rompimento da atual política econômica. Ou via Congresso Nacional, ou via empresas. É preciso saber até que ponto as empresas deixarão de cumprir a política de arrocho salarial imposta pelo governo. Quanto mais essa política for descumprida, mais a economia cresce.

O segundo ponto fraco está nos juros altos que geram custos eleva-

dos de produção, inviabilizam o acesso ao capital de giro e aos investimentos e estrangulam o mercado. Esta equação é muito simples — diz o professor Dércio Munhoz.

O “Fundão” criado pelo Plano Collor II também não vai resolver a questão do investimento, ainda mais porque movimenta o equivalente a US\$ 7,5 bilhões numa demanda de capital de giro de US\$ 35 bilhões.

O governo não investe em infra-estrutura, não gera empregos, reduz a renda das famílias, eleva os juros, ou seja, estrangula o mercado, e aí vira-se para a empresa privada e diz: taí o mercado. É de vocês. Invistam. Ora, ninguém é louco de investir num mercado onde ninguém tem dinheiro para comprar! Será que essa equipe econômica não enxerga uma coisa tão óbvia?

Atualmente, frisa Munhoz, a ociosidade da indústria em São Paulo, segundo dados da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) situa-se em torno de 35%. Segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV), a média nacional também está por volta disso. O setor de bens de capital (equipamentos) que é a base de qualquer projeto sério de retomada de crescimento econômico, está rigorosamente sendo desmontado no País, por absoluta falta de encomendas. A produção agrícola está em queda e o comércio não vende.

Na realidade, diz Munhoz, a desaceleração do ritmo da atividade econômica no Brasil em 1990 foi muito maior do que os 4,6% revelados. É que no cálculo do PIB, esse índice foi atenuado pelo bom desempenho do setor de comunicação. Não fosse isso, o PIB iria refletir o que houve com a atividade básica — a indústria e a agricultura que apresentaram uma queda entre 8 e 9% — uma catástrofe. É por causa dessa desaceleração que o capital estrangeiro está indo embora e o capital nacional se recusa a investir. Falar em recuperação do crescimento, para Munhoz, não passa de viver uma ilusão. (H.R.)

JORNAL DE BRASÍLIA

17 MAR 1991